



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2038 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 02 - História da Educação

Mulheres de ensino superior durante os Anos Dourados: um olhar através do *Jornal das Moças*
Priscila Dieguez Alves Batista - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como objetivo perceber a representação do feminino de nível superior compreendida dentro do periódico *Jornal das Moças*. O recorte temporal abrange os anos de 1956, ano da posse do presidente Juscelino Kubitschek, a 1961, ano da instituição da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024/61; se refere ainda aos seis anos finais da revista disponíveis para consulta no acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Este período se faz significativo por abranger uma parte importante dos *Anos Dourados*, destacando-se o crescimento populacional, a entrada de novos produtos no mercado e a inserção de homens e mulheres nos novos postos de trabalho. No que concerne a educação superior, houve um aumento da procura por vagas, devido as mudanças ocorridas na sociedade. A metodologia de pesquisa empregada está sendo a leitura do periódico, buscando informações para compor uma análise da representação de mulheres de ensino superior numa perspectiva relacional de gênero, desta forma, direcionando também o olhar para os homens visando perceber como um e outro com esse nível de ensino eram “retratados” pela revista.

Palavras-chave: *Jornal das Moças*, *Anos Dourados*, gênero, mulheres e ensino superior.

Mulheres de ensino superior durante os Anos Dourados: um olhar através do *Jornal das Moças*

Resumo

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como objetivo perceber a representação do feminino de nível superior compreendida dentro do periódico *Jornal das Moças*. O recorte temporal abrange os anos de 1956, ano da posse do presidente Juscelino Kubitschek, a 1961, ano da instituição da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024/61; se refere ainda aos seis anos finais da revista disponíveis para consulta no acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Este período se faz significativo por abranger uma parte importante dos *Anos Dourados*, destacando-se o crescimento populacional, a entrada de novos produtos no mercado e a inserção de homens e mulheres nos novos postos de trabalho. No que concerne a educação superior, houve um aumento da procura por vagas, devido as mudanças ocorridas na sociedade. A metodologia de pesquisa empregada está sendo a leitura do periódico, buscando informações para compor uma análise da representação de mulheres de ensino superior numa perspectiva relacional de gênero, desta forma, direcionando também o olhar para os homens visando perceber como um e outro com esse nível de ensino eram “retratados” pela revista.

Palavras-chave: *Jornal das Moças*, *Anos Dourados*, gênero, mulheres e ensino superior.

Introdução

O presente trabalho em andamento tem como objetivo perceber a representação do feminino de nível superior compreendida dentro do periódico *Jornal das Moças*. O recorte temporal desta investigação está compreendido entre os

anos de 1956, ano em que tomou posse o presidente Juscelino Kubitschek e 1961, ano em que será instituída a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024/61. Problematicando qual a representação de mulheres de cursos superiores que a revista trazia, a metodologia de pesquisa consiste na leitura do periódico buscando informações para compor uma análise da representação de mulheres de ensino superior numa perspectiva de gênero (SCOTT, 1995) desta forma, direcionando também o olhar para os homens visando perceber como um e outro com esse nível de ensino eram “retratados” pela revista.

Esse período se faz ainda significativo por representar o auge dos *Anos Dourados*, destacando-se como um momento de crescimento populacional, de entrada de novos produtos no mercado para consumo imediato, e de maior inserção de homens e mulheres nos novos postos de trabalho criados. Nos anos 1950, no que diz respeito a educação superior, houve um aumento da procura por vagas, devido as mudanças ocorridas na sociedade. O período dos *Anos Dourados* é lembrado com nostalgia, seja pelos romances e músicas, pelos papéis sociais bem definidos de homens e mulheres e pela prosperidade econômica sentida por uma parcela considerável da sociedade (PINSKY, 2014).

O periódico *Jornal das Moças* foi uma revista publicada semanalmente dentro do período histórico dessa pesquisa, tendo sua primeira edição sido publicada em 21 de maio de 1914. Em relação a última edição, o que se pode afirmar até o momento é que o último exemplar disponível para consulta dentro do acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional^[1] data de 15 de dezembro 1961.

O presente texto vem elaborado dividido em quatro partes, além desta Introdução. Na primeira parte, caracteriza-se os *Anos Dourados*. Na segunda, apresenta-se a revista *Jornal das Moças*, passando na terceira parte a discutir, na perspectiva de gênero, as matérias com temáticas com foco em mulheres estudantes ou de formação universitária, tendo em vista os papéis sociais desempenhados por elas em relação aos homens com esse nível de ensino. Nas Considerações finais, destaca-se que, mesmo a pesquisa ainda estando em andamento, é possível tecer algumas conclusões preliminares.

Os Anos Dourados

O período dos *Anos Dourados* foi caracterizado por Pinsky (2014) como uma época de nostalgia na qual os relacionamentos eram estáveis, os romances idealizados eram possíveis e os papéis sociais eram bem definidos e seguros. Dá-se esse nome de dourados pela aura de certeza que dominou os anos compreendidos entre 1945 e 1964.

Salienta Hobsbawm que a fase extraordinária pela qual o capitalismo passava fez com que “o dourado fulgiu com mais brilho contra o pano de fundo baço e escuro das posteriores Décadas de Crise” (1995, p.253). O autor afirma ainda que “(...) a Era de Ouro pertenceu essencialmente aos países capitalistas desenvolvidos” (p.255).

É fato que nesse período o Brasil era um país subdesenvolvido, mas querendo sair dessa condição, considerando especialmente o recorte temporal dessa pesquisa – 1956-1961.

O ano é 1956 e Juscelino Kubitschek toma posse como presidente eleito. Acompanhado do slogan *50 anos em 5* e com um plano de metas arrojado, o *presidente bossa nova* pretendia alavancar a economia e tirar o Brasil do rol dos países agrário-exportadores. Logo, a euforia vivida dentro desse período foi marcada por um governo liberal, nacionalista, com ênfase na industrialização (SILVA, 1992).

De acordo com Pinsky (2014), no Brasil da década de 1950 houve uma expansão do poder aquisitivo, causando uma euforia generalizada na população. A procura por bens de consumo tornou-se muito maior, alterando os padrões de vida em sociedade. O poder aquisitivo da população, de uma forma geral, elevou, a fim de tentar dar conta da oferta de produtos que passam a ser comercializados.

A autora destaca ainda que a oferta de empregos aumentou e novos postos de trabalho foram criados. Entretanto, os antigos postos, principalmente os que envolviam o trabalho artesanal, foram extintos, liberando pessoas para assumirem os novos postos que surgiam. O setor terciário foi o que mais se expandiu nesse momento e por isso acabou coletando as mulheres para essas novas oportunidades. Essas novas oportunidades acabavam por demandar uma maior escolarização para elas.

Apesar desse movimento da mulher em direção ao trabalho, no âmbito de sua vida de relação em sociedade poucas alterações significativas foram notadas, pois mesmo nos países dito avançados, cabia às mulheres o papel de esposa, mãe, cuidadora do lar e não ficar perambulando pela rua. Além disso, mesmo sendo inseridas no mercado de trabalho “(...) as mulheres ainda eram dificilmente aceitas no primeiro escalão da vida pública (...)” (HOBBSAWN, 1995, p.266), tendo em vista que seu papel dentro do núcleo familiar era muito marcante.

Nesse período, a leitura de revistas dedicadas ao público feminino passa a ter papel de destaque, e no caso do Brasil, a revista *Jornal das Moças* era uma delas. É a “leitura” dessa revista que a pesquisa em andamento vem fazendo, focando mulheres (e homens) de ensino superior nela “fotografadas”, pensando também com Bourdieu sobre a dominação masculina no processo histórico.

A pesquisa histórica não pode se limitar a descrever as transformações da condição das mulheres no decurso dos

tempos, nem mesmo a relação entre os gêneros nas diferentes épocas; ela deve empenhar-se em estabelecer, para cada período, o estado do sistema de agentes e das instituições, Família, Igreja, Estado, Escola, etc., que, com pesos e medidas diversas em diferentes momentos, contribuíram para arrancar da História, mais ou menos completamente, as relações de dominação masculina (BOURDIEU, 2002, p. 101).

A revista *Jornal das Moças*

Considerando ser a fonte principal dessa pesquisa a revista *Jornal das Moças*, e buscando perceber a representação feminina de mulheres de ensino superior trazidas nesse periódico é necessário ter em mente que “procurar os contornos da imagem da mulher na imprensa feminina brasileira é, antes de mais nada, uma leitura pessoal de uma série de elementos encadeados” (BUIIONI, 2009, p.11).

Afirma Roger Chartier, que “(...) nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até o seu leitor” (CHARTIER, 1992, p.220). Para esse autor, dois são os processos que constituem a materialidade de um impresso: as “estratégias da escrita e das intenções do ‘autor’” e a “manufatura do livro ou da publicação, produzidos por decisão editorial ou através de processos industriais, dirigidos aos leitores ou a leituras que podem não ter absolutamente nada em comum com as expectativas do autor” (CHARTIER, 1992, p.220).

A capa da revista *Jornal das Moças* é a primeira forma que o texto se apresenta ao leitor, ao mesmo tempo em que expressa a representação da mulher a quem a revista se destinava, constituindo a materialidade do impresso. Desta forma, as capas da revista funcionavam como um chamariz, buscando captar a atenção da leitora para comprá-la. Isso se insere no que Chartier nos aponta como estratégias do editor, que para continuar mantendo o interesse dos seus leitores acaba se utilizando de outros subterfúgios.

Na capa de 17 de setembro de 1959, se visualiza uma mulher loira, de requinte, fumando. A mulher adquirir o hábito de fumar se torna sinônimo de elegância nos anos 1950, estimulando a indústria do fumo.



IMAGEM 1. Capa da revista *Jornal da Moças*, exemplar nº 2309, de 17 de setembro de 1959. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Por outro lado, encontra-se propaganda de creme dental que prometia tirar as manchas de cigarro dos dentes. Assim a revista passava a mensagem que a pessoa poderia fumar, apesar desse hábito ser condenável para saúde, contanto que mantivesse os dentes limpos. Isso é um claro apelo não só para o consumo de cigarros, sendo uma parte da indústria que cresceu bastante nos *Anos Dourados*, como também um apelo para o consumo de mais um produto, no caso um creme dental, para consertar um dos males que o cigarro proporcionou.

A revista *Jornal das Moças* de 15 de outubro de 1959 fora caracterizada por uma de suas leitoras como “revista sadia e seleta que tem milhares de leitores de nossa alta sociedade”. Por ter um apelo visual que contava com muitas propagandas e fotos, tentando abranger os mais variados âmbitos da vida das mulheres, o periódico exerceu influência sobre as mulheres nos *Anos Dourados*. O consumo era incentivado, desde produtos de beleza para uso pessoal, até eletrodomésticos; bem como hábitos e atitudes normatizadores.

Como o apelo para vaidade feminina era enorme, não havia só anúncios de produtos, mas também um suplemento de moda para “(...) delinear mulheres mais favoráveis à economia de consumo” (BUIIONI, 2009, p.13).

A escrita e a forma com que seu conteúdo era apresentado aos leitores expressavam uma preocupação e um cuidado para que nenhum desses aspectos dessem margem a ambiguidades, o que poderia comprometer o caráter familiar da revista.

Ao reforçar a imagem da mulher de acordo com um determinado padrão, o *Jornal das Moças* seguia criando representações do feminino, em especial de mulheres com nível ou cursando um curso superior, como será visto adiante.

A formação em nível superior na revista *Jornal das Moças*: qual o lugar das mulheres?

Destaca Cintia Veiga (2007) que na década de 1950 houve um aumento na procura pelo ensino superior influenciada, em grande medida, pelo crescimento econômico e pela inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho. A autora destaca, também, que as leis que regulamentaram os exames vestibulares e a incorporação de professores universitários no escopo do quadro do Ministério da Educação e Cultura foram fatores decisivos nesse processo, apesar do caráter elitista dessa modalidade de ensino.

Somente em 20 de dezembro de 1961 que será sancionada uma LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de nº 4.024, pelo então presidente da República João Goulart, regulamentando todos os níveis de ensino e tomando providências sobre sua organização, incluindo o ensino superior[2].

Nesse cenário, foca-se o olhar na leitura da revista. Aqui destaca-se alguns contos publicados semanalmente. Em cada revista, em média, eram publicados dois contos, sendo que na maioria das vezes eles eram divididos em partes encontradas ao longo da revista. Essa divisão fazia com que a leitora ávida para conhecer o final folheasse toda a revista em busca da minúscula coluna – digo minúscula porque ela aparecia com letras diminutas, espremida entre propagandas e outras colunas.

A autoria dos contos era predominante americana, sendo raro encontrar escritores brasileiros e, mais raro ainda, encontrar escritoras mulheres. Os personagens dos contos tinham nomes tipicamente norte-americanos. Suas ilustrações traziam cenas que deixavam o leitor na expectativa entre acontecer o beijo ou não.

A temática que os envolvia era praticamente a mesma: um casal que se conhecia, se envolvia e enfrentava algum percalço até, finalmente, ficarem juntos unidos pelo matrimônio no melhor estilo: *felizes para sempre*.

A felicidade do casal protagonista era, constantemente, idealizada e construída de forma a ser o objetivo final das moças. O homem sempre exercia uma posição hierarquicamente superior a mulher, seja por ser formado no nível superior, seja por exercer um cargo de chefia.

As mulheres eram caracterizadas como seres frágeis, até mesmo quando trabalhavam, e que necessitavam da proteção do homem, fosse ele pai ou futuro marido. A beleza era outra característica marcante, sendo uma artimanha que elas usavam para conquistar e cativar seu amado. As mensagens passadas por meio dos contos estavam em consonância com a mensagem da revista: a mulher deveria seguir certas regras de conduta para não serem as garotas com quem os rapazes apenas flertavam.

A dependência de mulheres em relação aos homens é um aspecto observado, mesmo aquelas que já tinham se formado no ensino superior, na medida em que largavam a profissão para se dedicar ao lar. Foi o caso da Dra. Desmarest que com essa “escolha” se mantinha dependente do homem, enquanto marido e provedor. Isso pode-se ler no conto “O amor tormentoso”, publicado na revista *Jornal das Moças*, em 11 de abril de 1957. Nele, a Dra. Desmarest, uma médica, que se casa com um médico viúvo, pai de dois filhos adolescentes, tem uma relação hostil com eles. Durante uma discussão com Nora, a filha do marido, Dr. Desmarest, a médica Claudina, como é apresentada logo no primeiro parágrafo do conto, faz o seguinte desabafo:

Nora, quando me casei com teu pai, renunciei a minha carreira para poder viver aqui com vocês e tornar sua vida mais fácil e feliz.

Não somente o acesso ao ensino estabelece uma relação de dominação, mas o casamento também o faz. Mesmo sendo médica e atuando na área, isso não foi impedimento para que Claudina abdicasse a sua carreira em prol do lar.

Um outro conto também chama atenção. Em “A grande ilusão”, publicado na revista de 20 de dezembro de 1956, parece evidente que para alcançar um marido bem estruturado, a moça não poderia ser leviana. Sua conduta deveria seguir a imagem de mulher dedicada a família, ao lar e a sociedade que o *Jornal das Moças* tanto prezava e fazia questão de enaltecer. Neste conto Lucy Brown é chamada por Roberto, filho caçula de uma amiga de sua mãe, para ir a um baile em sua Universidade. No campus universitário, Lucy foi apresentada a senhora Percy, responsável pelo alojamento feminino. A senhorita Brown dançou com um professor e com vários colegas de Roberto. Este, enquanto isso, aproximou-se de uma moça de vestido:

vermelho de corte atrevido e maquiagem forte. Era Margot Lawson. Via-se que ela não era da Universidade e sobrava naquele ambiente.

Compreendia que a senhora Percy não tinha julgado prudente convidar Margot... mas...

— Conte-me algo de sua vida — pediu êle à moça.

— Nasci em Oregon, onde meu pai é diretor de um Banco. Vivo com meus pais numa casa antiga numa rua cheia de árvores tranquilas. Estudo Direito e êste é o meu primeiro baile de importância.

Margot estremeceu ao recordar que terminando os estudos teria que voltar à Oregon. Soubera que seus pais estavam separados há um mês. Seu pai tinha deixado a casa deslumbrado pelos encantos de uma aventureira. Mesmo os homens mais dignos fazem tolices desta natureza.

Sua mãe mostrou-se forte e digna. A aventureira estava gastando todo o dinheiro de seu pai e dentro em breve êles estariam na miséria. Sentia uma sensação de importância frente ao desastre que houvera em seu lar.

— Está se divertindo, senhorita?

— Sim... muito... respondeu Margot.

Quando a música acabou, Roberto levou-a diretamente ao palco e deixou-a junta da senhora Brown.

No conto as duas moças se diferem. Lucy Brawn é conhecida da família de Roberto, filha da amiga da mãe dele, portanto sua convidada, de sua terra natal; Margot Lawson, não era da mesma universidade de Roberto, mas disse ser estudante do curso de Direito, trajava vestido vermelho, de corte atrevido e maquiagem forte. Ainda se sabe que sua família estava destruída por uma aventureira. Roberto sabe que a senhora Percy, encarregada da conduta das moças durante a estadia na universidade, não havia sido favorável que Margot fosse convidada para aquele ambiente. No desfecho do conto, Roberto prefere ficar com Lucy, tendo a aprovação da senhora Percy.

No conto, o homem prefere uma mulher que está nos padrões estabelecidos pela sociedade. A própria mulher, materializada no conto pela senhora Percy, é o elemento que repreende o homem e o traz para o caminho "correto": o adverte por ter convidado Margot que desambianta, aparentemente, consegue dançar só com ele, ao passo que Lucy, moça virtuosa, cuja beleza chama a atenção pela naturalidade, dança com vários rapazes.

A construção da moça para casar remete ao fato de como ela lida com a beleza. Ser bonita era obrigação da mulher, chamar a atenção por conta de seus cuidados também, entretanto, não era permitido a mulher ser extravagante e nem vulgar, como Margot. Eis aí mais um traço de que mesmo transformando-se a sociedade, ainda perduram valores impostos por instituições seculares, como nos disse Bourdieu (2002).

Ao ler um conto no qual o homem é formado em um curso universitário, pode ser construída a representação desse cenário na cabeça das leitoras, passando a acreditar que cabe ao homem estudar, a fim de atingir este nível de ensino, trabalhar no escritório, pois ele seria o mantenedor da casa. A Dra. Desmarest, ou melhor, Claudina, se formou, trabalhou, mas abandonou a profissão para se casar. Então, procurar um homem formado no ensino superior seria garantia de um futuro próspero e confortável, estabelecendo aí uma relação de poder entre os gêneros e seus papéis sociais instituídos de homem e mulher? Claudina parece não ter alcançado a felicidade prometida no casamento. Por outro lado, é Lucy a escolhida de Roberto e não Margot. Segundo Scott "(I) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre sexos e (II) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 1995, p. 21).

Mas a revista não deixa de publicar fotografias de formaturas como no exemplar nº 2170, de 17 de janeiro de 1957. Na matéria intitulada "Mais uma vitória conquistada pelos que estudam", pertinente a formatura do curso de Direito pode-se ver que "O belo sexo foi bem representado nessa turma de juristas", sendo esta a legenda no rodapé da foto onde estão as mulheres – entendidas como o *belo sexo*.



IMAGEM 2. Formatura do curso de Direito publicada no exemplar nº 2170, de 17 de janeiro de 1957. Acervo: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Considerações finais

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento, sendo prematuro apresentar conclusões acerca da representação do feminino de nível superior compreendida dentro do periódico *Jornal das Moças*.

Entretanto, tendo em vista o recorte histórico da pesquisa compreendido entre os anos de 1956 e 1961, foi possível perceber alguns aspectos sobre a representação de mulheres e homens na revista, especialmente por meio dos contos publicados semanalmente e aqui discutidos de forma ainda inicial. Não seria precipitado dizer que os contos apresentados carregam em si um “retrato” de homens e mulheres, com atitudes e papéis esperados por ambos dentro de seu contexto social, em consonância com os valores ditados pela linha editorial da revista. E que as representações que foram encontradas na revista dizem respeito a forma como as mulheres deveriam agir dentro do seio familiar e no convívio social. Mas isso, ainda está em discussão.

Referências

BOURDEU, P. *A dominação masculina*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUITONI, D. H. S. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.

CHARTIER, R. *Textos, impressão, leituras*. In: HUNT, L. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HOBSBAWN, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PINSKY, C. B. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

VEIGA, C. G. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

SILVA, F. de A. *História do Brasil: colônia, império e república*. São Paulo: Moderna, 1992.

[1] Base de dados utilizada para consulta da pesquisa.

[2] Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm. Acesso em 02 de maio de 2018.